

“Nada será como antes”: museus, coleções e epistemologias decoloniais

Clovis Carvalho Britto*

Marcele Regina Nogueira Pereira**

Maria das Graças de Souza Teixeira***

No limite, na dianteira/ Borrando suas fronteiras/
Nossas memórias, histórias/ Abalam suas velhas trincheiras.¹

Em 2021 a canção “Nada será como antes”, de autoria de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, recebeu uma nova versão com as interpretações de Edi Rock, Linn da Quebrada e Ney Matogrosso e a inserção de rimas do universo do hip hop, elaboradas por Edi Rock e Linn da Quebrada. O verso escolhido como epígrafe consiste em uma denúncia do epistemicídio, que nega e silencia os saberes e conhecimentos diferentes dos celebrados pela lógica eurocentrada. Se a canção original² é considerada um “autêntico libelo de oposição ao regime vigente”³ ao expressar o “drama dos que se preocupavam com o destino imprevisível dos exilados da ditadura”,⁴ a versão acrescenta outros contextos, corpos e exílios ao destacar a resiliência e a defesa das pessoas que historicamente têm sido invisibilizadas (negras, indígenas, periféricas, LGBTQIAP+, dentre outras minorias nem sempre numéricas) cujas memórias abalam velhas trincheiras: “Eu estava aqui, eu estava ali/ Bem na sua frente/ Tão igual, tão diferente/ Divergente, divergente, rompendo suas correntes/ Com raiva, com os próprios dentes”.⁵

* Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Professor no curso de Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília e no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. E-mail: clovisbritto@unb.br. ORCID: 0000-0001-6267-544X.

** Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Professora de Museologia e ex-reitora da Universidade Federal de Rondônia. Vice-presidente do MINOM (Movimento Internacional para uma Nova Museologia). E-mail: marcelle.pereira@unir.br. ORCID: 0000-0002-3155-081X.

*** Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia. Professora no curso de Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia e no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. E-mail: mteixeir@ufba.br. ORCID: 0000-0002-1682-4288.

¹ BASTOS, Ronaldo; NASCIMENTO, Milton. “Nada será como antes”. Intérpretes: Edi Rock; Linn da Quebrada; Ney Matogrosso. São Paulo: Som Livre, 2021 (3min10s).

² BASTOS, Ronaldo; NASCIMENTO, Milton. “Nada será como antes”. Intérpretes: Milton Nascimento; Lô Borges. In: *Clube da Esquina*. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1972.

³ SEVERIANO, Jairo; MELLO, José Eduardo H. de. *A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras*. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 176.

⁴ *Ibidem*.

⁵ BASTOS, Ronaldo; NASCIMENTO, Milton., 2021. Op. cit.

Os versos também remetem às formas de resistência que podem ser associadas àquilo que Grada Kilomba evidenciou como políticas de dominação e regimes de silenciamento: “Existe um medo apreensivo de que se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o ‘Outra/o’”.⁶ Nesse aspecto, problematiza que “qualquer forma de saber que não se enquadra na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada”.⁷

Essas velhas trincheiras também evidenciam a “ferida colonial” como consequência do racismo, conforme o argumento de Frantz Fanon,⁸ reconhecendo a colonização como uma chaga profunda. É por essa razão que se traduz na incapacidade de respeitar as diferenças, ferida marcada pelo “[...] discurso hegemônico que pone en cuestión la humanidad de todos los que non pertenecen al mismo locus de enunciación (y a la misrna geopolítica del conocimiento) de quienes crean los parámetros de clasificación y se otorgan a si mismos el derecho a clasificar”.⁹ Não é sem motivos que Ailton Krenak¹⁰ sublinhou a importância dessa consciência para adiar o fim do mundo:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade?¹¹

Essa leitura questiona a necessidade de uma guinada epistêmica, resultando no que Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel¹² nomearam como “giro

⁶ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 41.

⁷ *Ibidem*, p. 53.

⁸ FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013.

⁹ MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007, p. 34.

¹⁰ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

¹¹ *Ibidem*, p. 8.

¹² CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Ed.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007.

decolonial” ao expor as fraturas do capitalismo quando ressignifica exclusões provocadas pelas hierarquias epistêmicas, regionais, raciais, étnicas e de gênero/sexualidade oriundas do que se convencionou chamar de modernidade. Portanto a crítica decolonial se apresenta como um paradigma outro ao reconhecer os efeitos da geopolítica e da *corpo-política* na produção do conhecimento a partir de uma ética e de uma política que escapa de modelos e projetos pautados na universalidade.¹³ Portanto essa perspectiva valoriza conhecimentos múltiplos a partir de diferentes posições e formas de produção: “desprendimento, abertura, *de-linking*, desobediência, vigilância e suspeição epistêmicas são estratégias para a decolonização epistêmica”.¹⁴

É importante reconhecer que, embora o pensamento decolonial enquanto uma proposta epistêmica tenha se popularizado em virtude da atuação de intelectuais latino-americanas/os criadoras/es da rede Modernidade/Colonialidade no final dos anos 1990 e na propositura de epistemologias situadas desde o Sul, esses princípios podem ser identificados em projetos anteriores, a exemplo das diversas contribuições das epistemologias negras e indígenas produzidas na América Latina. Nessa interpretação, Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel¹⁵ propõem uma noção ampla de decolonialidade, ao conceberem essa perspectiva na base da luta das populações afrodiáspóricas, “das mulheres negras, dos quilombolas, dos diversos movimentos negros, o povo de santo, dos jovens da periferia, da estética e arte negra, bem como na enormidade de ativistas e intelectuais”.¹⁶

Nas últimas décadas, tem havido um crescente interesse pela decolonialidade enquanto uma proposta epistêmica e um compromisso poético, ético e político. Eduardo Restrepo e Marta Cabrera¹⁷ consideram que, para iniciar o debate, é importante diferenciar o colonialismo (modo de dominação político-administrativa construído a partir do pacto colonial) da colonialidade (padrão de poder global), reconhecendo que colonialismo é uma das experiências constitutivas da

¹³ BALLESTRIN, Luciana. “América Latina e o giro decolonial”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, nº 11, 2013.

¹⁴ *Ibidem*, p. 108.

¹⁵ BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

¹⁶ *Ibidem*, p. 10.

¹⁷ RESTREPO, Eduardo; CABRERA, Marta. *Pensamiento decolonial: teoría crítica desde América Latina*. Colombia: CLACSO, 2008.

colonialidade, mas que a colonialidade o extrapola, incluindo experiências e articulações contemporâneas. Em suas análises, a colonialidade produziria e difundiria formas de pensamento que legitimariam diferenças entre corpos, conhecimentos e grupos, tornando-se um dos sustentáculos da modernidade e, portanto, seria necessário problematizar as narrativas da modernidade, construídas na perspectiva eurocentrada.

Nessa interpretação, é potente a noção de “colonialidade do poder”, conforme apresentada por Aníbal Quijano¹⁸ quando percebeu as singularidades da colonização na América Latina ao transformar, por exemplo, a raça em uma categoria mental da modernidade e o capitalismo em nova estrutura de controle do trabalho.

Portanto, a produção e valorização de epistemologias construídas na América Latina com o intuito de produzir um giro decolonial contribuiria para a instauração de fissuras no conhecimento que historicamente tem difundido o eurocentrismo e o cientificismo como formas universais. De acordo com Ramón Grosfoguel,¹⁹ enquanto o pensamento eurocêntrico concebe o “outro” como objeto e não como sujeito, o giro decolonial estabelecerá fissuras na “ego-política do conhecimento”, rompendo com a dicotomia sujeito-objeto instituída pela epistemologia cartesiana.

Com o intuito de explicitar algumas especificidades das epistemologias decoloniais, Nelson Maldonado-Torres²⁰ destaca as diferenças entre colonialidade e colonialismo e entre decolonialidade e descolonialização. No primeiro caso, compreende o colonialismo como um processo histórico, e a colonialidade como uma lógica global de desumanização. Em perspectiva próxima, enquanto a descolonização (também conhecida como pós-colonialidade) consistiria em momentos históricos nos quais os sujeitos colonizados se insurgiram e reivindicaram a independência, a decolonialidade “refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos”.²¹

¹⁸ QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

¹⁹ GROSFUGUEL, Ramón. “Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias decoloniais”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, vol. 59, nº 2, 2007.

²⁰ MALDONADO-TORRES, Nelson. “Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas”. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

²¹ *Ibidem*, p. 36.

Portanto, não basta apenas uma perspectiva comprometida com a redução das injustiças sociais para que seja realizado um giro decolonial ou uma guinada epistêmica. Visto sob essa perspectiva e reconhecendo que o lócus da enunciação não é definido apenas pela localização geopolítica, do ponto de vista epistemológico trata-se de reconhecer três aspectos: a) a necessidade de um cânone de pensamento mais amplo do que o ocidental; b) uma perspectiva pautada em um diálogo crítico entre distintos projetos políticos/éticos/epistêmicos que abarquem um mundo pluriversal; c) a valorização de pensadoras e pensadores cujas perspectivas/cosmologias/visões são construídas a partir de corpos e lugares étnico-raciais/sexuais diversos.²²

Museologias decoloniais: reflexões atuais e desafios emergentes

A interseção entre museus, coleções e epistemologias decoloniais emerge como um campo vital e progressista que “abala as velhas trincheiras”,²³ desafiando as estruturas arraigadas de poder, conhecimento e representação que há muito tentam moldar práticas museológicas diversas. Neste dossiê, exploramos o terreno fértil em que as museologias decoloniais se encontram, evidenciando a potência das epistemologias decoloniais orientadas para, entre muitas questões importantes a serem abordadas, problematizar as normas estabelecidas nos domínios dos museus e das coleções, propondo redefinições, novos olhares, e proporcionando a retirada do esquecimento de grandes pluralidades culturais.

Muitas são as práticas e estudos que desafiam os limites da Museologia enquanto disciplina e propõem o engajamento dos museus em pautas sociais e em experiências cada vez mais desafiadoras e inclusivas. Nesse cenário diverso e rico, os enfoques teóricos cada vez mais se aproximam das referências decoloniais e aprofundam o entendimento sobre a necessidade de estudos que observem os impactos de tantas experiências museais decoloniais para os enfrentamentos das colonialidades produzidas.

As museologias decoloniais não constituem apenas uma perspectiva de conhecimento em consolidação: podemos considerá-las um chamado à ação. A

²² Cf. GROSGUÉL, Ramón. “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 80, Mar. 2008.

²³ BASTOS, Ronaldo; NASCIMENTO, Milton., 2021. Op. cit.

partir do diversificado acúmulo de iniciativas museais e museológicas em diferentes contextos coletivos e de políticas públicas, é possível perceber que atuam como uma convocação para que as/os profissionais dos museus, pesquisadoras/es possam “desaprender” as noções tradicionais de autoridade e colaborar com as comunidades para criar espaços onde vozes historicamente subalternizadas e marginalizadas possam ser ouvidas em amplitude, interpretadas e celebradas em primeira pessoa. Com base em uma ética da interculturalidade,²⁴ as compreendemos como poéticas, políticas e éticas na busca de uma transformação radical dos museus, das narrativas e das coleções que eles abrigam, em perspectiva de enfrentamento à reprodução das colonialidades.

Nos últimos anos, os estudos e trabalhos sobre tendências museológicas decoloniais ou sobre as epistemologias decoloniais no âmbito dos museus, dos processos museais e das coleções têm se tornado cada vez mais proeminentes no Brasil.²⁵ Muitas dessas abordagens críticas e reflexivas se inspiraram em reflexões museológicas pioneiras que, mesmo sustentadas em outras perspectivas de pensamento, propiciaram foco e destaque para as ações de justiça social no campo museal e museológico. É possível, nessa leitura, nos aproximar das perspectivas vanguardistas elencadas por Jean Baptista²⁶ quando examinou as heranças da museologia LGBT: os documentos da Sociomuseologia, os Fóruns Nordestinos de

²⁴ Cf. CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005; WALSH, Catherine. “Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: insurgir, re-existir e re-viver”. In: CANDAU, V. M. (org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 12-43.

²⁵ Cf. CHAGAS, Mario. “Museus e patrimônios: por uma poética e política decolonial”. *Revista do Patrimônio*, Brasília, nº 25, 2017; PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. *Museologia decolonial: os Pontos de Memória e a insurgência do fazer museal*. Tese de doutorado em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2018; WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. “Sobre a musealização de acervos Iny-Karajá: desafios e possibilidades para uma prática decolonial”. *Revista Habitus*, Goiânia, vol. 17, nº 1, 2019; SIQUEIRA, Juliana Maria de. *A educação museal na perspectiva da Sociomuseologia: proposta para uma cartografia de um campo em formação*. Tese de doutorado em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2019; BRULON, Bruno. “Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, vol. 28, 2020; PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário. “Sociomuseologia e decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do mundo”. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (org.). *Teoria e prática da Sociomuseologia*. Lisboa: Edições Lusófona, 2021; SANTOS, Deborah Silva. *Museologia e africanidades: experiências museológicas de mulheres negras em museus afro-brasileiros*. Tese de doutorado em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2021; TOLENTINO, Átila Bezerra. “A ferida colonial, os museus e as palavras mágicas”. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (org.). *Sociomuseologia: por uma leitura crítica do mundo*. Lisboa: Edições Lusófona, 2021; LIMA, Valdemar de Assis. “Pensamento decolonial: fundamento ético-epistemológico para a luta antirracista na construção de um sistema-mundo biófilo”. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, vol. 11, nº 22, 2022.

²⁶ BAPTISTA, Jean. “Entre o arco e o cesto: notas Queer sobre indígenas heterocentrados nos museus e na Museologia”. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, vol. 61, nº 17, 2021, p. 53.

Museus, os pontos de memória e os estudos sobre a relação entre negritude e Museologia. Tais abordagens potencializaram reflexões e apontaram estratégias, visando ultrapassar as heranças e estruturas coloniais a partir da discussão sobre as violências ainda fortemente presentes e que há muito permeiam as práticas museológicas, com a intenção de contribuir para a redefinição dos compromissos dos museus como espaços de escuta, de diálogo e ressonância.

As ações decoloniais geram desafios significativos e produzem conceitos enriquecedores que estão contribuindo e remodelando o cenário museológico contemporâneo. Alguns dos principais eixos das museologias decoloniais consistem na reconfiguração das narrativas hegemônicas, contribuindo com a identificação de práticas e iniciativas que prevejam sua superação. As coleções e os museus, por muito tempo, foram orientados por uma perspectiva unilateral, tida como universal, que expressa superioridade a partir de referenciais que desconsideraram vozes, histórias e culturas de grupos historicamente subalternizados e marginalizados. As epistemologias decoloniais revelam a necessidade de desconstruir essa lente unidirecional e substituí-la por uma abordagem multivocal,²⁷ na qual diferentes perspectivas possam coexistir e interagir.

Assim, surgem como um horizonte crítico e transformador que estimulam e enriquecem diferentes abordagens museológicas, a exemplo da Museologia Social, da Sociomuseologia, da museologia crítica e da museologia experimental. Do mesmo modo, reinventam-se em distintas museologias comprometidas com os princípios das epistemologias decoloniais, a exemplo das museologias indígenas, das museologias quilombolas e das museologias LGBTQIAP+, ou seja, de epistemologias pautadas naquilo que Jean Baptista destacou como “protagonismo de pessoas que pertencem às identidades interseccionadas por cor/raça, sexualidade e classe”²⁸ e que geram “novas formas de pensar Museologia antirracistas e interseccionadas por gênero e sexualidades dissidentes”.²⁹

²⁷ Uma abordagem multivocal é um enfoque que valoriza a incorporação de múltiplas perspectivas, vozes e pontos de vista em um determinado contexto, discussão ou narrativa. Essa abordagem reconhece que diferentes indivíduos e grupos têm experiências, interpretações e conhecimentos diversos, e busca dar espaço a todas essas vozes para enriquecer a compreensão geral de um assunto. No contexto das museologias decoloniais, uma abordagem multivocal implica a rejeição de perspectivas dominantes ou tidas como universais que historicamente moldaram as narrativas museológicas. Em vez disso, busca-se incorporar as histórias, memórias e visões de grupos que foram excluídos, silenciados e sub-representados nas narrativas museológicas.

²⁸ BAPTISTA, Jean. Op. cit., p. 45.

²⁹ Ibidem, p. 54.

Tais discussões no âmbito das museologias foram impulsionadas pelas reflexões da rede Modernidade/Colonialidade, na qual percebemos que a intersecção dessas abordagens fornece uma lente decolonizadora poderosa para desvendar as estruturas coloniais entrelaçadas nos processos museais e para estimular práticas que reverberem a justiça, a inclusão e a emancipação, segundo a manifestação, interesses e objetivos das comunidades, grupos e coletivos. Os conceitos de colonialidade do poder, do saber e do ser,³⁰ por exemplo, auxiliam a pensar contextos e proporcionam uma outra base para desafiar as normas hegemônicas que há muito tempo permeiam o campo da Museologia.

O reconhecimento da colonialidade do poder³¹ revela como as estruturas de dominação colonial persistem mesmo após a independência formal. Essas dinâmicas moldam as relações de poder, a marginalização de grupos subalternizados e a manutenção de hierarquias sociais. Por essa razão, as epistemologias decoloniais confrontam as práticas excludentes, buscando privilegiar corpos, epistemes e narrativas que foram historicamente silenciados. Elas se propõem a ser um veículo de empoderamento, permitindo que as comunidades se reapropriem de suas histórias e culturas como instrumento de transformação.

A problematização da colonialidade do saber³² expande essa análise para o âmbito do conhecimento. Museus muitas vezes têm sido veículos de uma epistemologia eurocêntrica, validando apenas certas formas de conhecimento enquanto marginalizam outras. As museologias comprometidas com a decolonialidade questionam essa hierarquia epistêmica, reconhecendo e valorizando múltiplas formas de conhecimento, especialmente aquelas historicamente desconsideradas ou subjugadas. Isso se traduz em práticas que envolvem as comunidades nas decisões curatoriais, dando espaço para saberes locais e promovendo diálogos interculturais.

Já as problematizações sobre a colonialidade do ser³³ apontam para a maneira como as estruturas coloniais afetam as subjetividades e identidades. Museus frequentemente reproduzem estereótipos e representações muitas vezes distorcidas. As museologias decoloniais contribuem para desnaturalizar essas construções

³⁰ QUIJANO, Aníbal. Op. cit.; MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2010.

³¹ Ibidem.

³² Ibidem.

³³ Ibidem.

sociais, descolonizando a forma como as identidades são produzidas e percebidas. Elas abraçam a complexidade das identidades culturais e sociais, desafiando as narrativas homogeneizadoras e promovendo a emancipação a partir da valorização de saberes situados e incorporados.

Contudo, essas transformações não ocorrem sem tensões e desafios. É necessário enfrentar estruturas museais arraigadas que resistem às mudanças significativas. As mudanças requerem uma desconstrução não apenas das narrativas da colonialidade, tendenciosas, silenciadoras e tidas como universais, mas também das próprias estruturas de poder e controle que na longa duração moldaram museus e processos de musealização. Nessa perspectiva, a decolonização das práticas museais torna-se um processo profundo de desconstrução e autoquestionamento sobre as práticas desenvolvidas e o refazimento dos processos museológicos a partir de um olhar decolonizador.

Práticas museológicas que atendam a um nível mais profundo de inclusão e reflexão, intrinsecamente alinhadas com os compromissos decoloniais, transcendem as estruturas hegemônicas e eurocêntricas que historicamente moldaram a forma como o conhecimento e a cultura foram representados nos espaços museológicos. Ao desafiar a supressão de vozes marginalizadas e questionar as relações de poder, essas práticas buscam autonomia, reflexão e transformação, reconhecendo a importância de perspectivas plurais e valorização dos saberes locais. O objetivo é criar um ambiente museológico que não apenas celebre a diversidade cultural e epistêmica, mas também que se engaje ativamente na decolonização das narrativas, na valorização das identidades e da diferença, além da reverberação de representações de modo mais equitativo.

As museologias decoloniais estão no epicentro de um movimento que exige uma mudança fundamental na forma como os museus e processos de musealização operam e se relacionam com as comunidades. É um chamado para enfrentar as feridas da colonização e reimaginar um futuro mais inclusivo e justo. Por essa razão, a publicação deste dossiê oferece reflexões potentes e anuncia mudanças, em que as epistemologias decoloniais e as perspectivas museológicas convergem para inspirar abordagens interconectadas e conscientes dos desafios.

No entanto, é importante ressaltar alguns desafios, como a diversidade de interpretações e abordagens, a necessidade de ampliar estudos com base em metodologias decoloniais, o respeito aos discursos nativos, a promoção de análises

comprometidas com as éticas e os saberes locais, o reconhecimento dos múltiplos conhecimentos, poderes e subjetividades como forma de emancipação. Em conclusão, os estudos sobre as museologias decoloniais apontam para práticas e reflexões transformadoras, fundamentais para repensar o campo dos museus e dos processos museais. Ao desafiar as colonialidades, essas abordagens propõem refletir sobre a jornada de recuperação, na qual as vozes silenciadas possam ser finalmente audíveis e as narrativas plurais se entrelacem reposicionando os espaços a partir de sua autorrepresentação, visibilizando existências, corporeidades e conhecimentos situados e incorporados. A interseção de estudos e perspectivas decoloniais para o campo museal enriquece ainda mais essa reflexão, evidenciando como a luta contra as colonialidades consiste em um processo contínuo, urgente e sem volta.

As curadorias participativas e epistemologias decoloniais na construção de narrativas contra-hegemônicas

A curadoria é também espaço de poder. E, como tal, traz uma contradição no seu cerne, pois o próprio vocábulo denota, em um primeiro momento, o cuidar. Diante disso, é importante questionarmos se o cuidado é permeado de poder. Mesmo nas relações de afeto, o poder está presente na própria ação: a pessoa que cuida age sobre quem está sendo cuidado e este está sob aquele. Nesse jogo de palavras sobre e sob, podemos dizer que cuidar é, quase sempre, uma ação imperativa.

É importante lembrarmos que “em certas regiões do Brasil, ‘curador’ é um indivíduo que trata das pessoas mordidas por cobras venenosas, e que, dada essa estranha arte, é respeitado por esses animais”.³⁴ O curar também pode remeter à cura das feridas coloniais, explicitando aquilo que Catherine Walsh definiu como insurgência decolonial.³⁵ Mas, se há a participação de quem está sob o cuidar, essa ação passa a ser uma relação vetorial, uma via de mão dupla.

Nessa perspectiva, trazemos à cena a curadoria participativa como um movimento que vai ao encontro de processos museológicos numa perspectiva decolonial ou que pode se tornar um espaço de ressonância de propostas decoloniais,

³⁴ BITTENCOURT, José Neves. “Mediação, curadoria, museu: uma introdução em torno de definições, intenções e atores”. In: JULIÃO, Letícia; BITTENCOURT, José Neves (org.). *Caderno de Diretrizes Museológicas 2*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, 2008, p. 4.

³⁵ WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. Tomo I.

movimento que tem a escuta como ferramenta principal. Para além das diferenciações conceituais entre participação e colaboração, aqui optamos pela mobilização do primeiro termo, de modo similar ao que tem sido reconhecido no âmbito dos inventários participativos, conforme apresentado por Átila Tolentino: “baseando-se no trabalho com a memória social, partem da premissa de que os próprios grupos e comunidades possam assumir, em primeira pessoa, a identificação, o registro e a seleção das referências culturais significativas”.³⁶ Portanto, embora saibamos que a colaboração permeia o participativo, é possível problematizarmos em que medida neste a troca se dá numa confluência que permite uma fluidez na marcação do lugar e dos quereres dos sujeitos e sujeitas envolvidas, diferindo do colaborativo, no qual as relações de poder podem enrijecer as relações de troca, quando instauram uma hierarquia entre aquele que colabora e aquele que recebe a colaboração.

Desse modo, a noção de participação é aqui entendida nos termos apresentados por Hugues de Varine como cocriação, como ação “efetiva, ativa e consciente, da comunidade que detém esse patrimônio”³⁷ e por Viviane Sarraf como forma de criação de vínculos de pertencimento e de compartilhamento do poder de decisão:

A criação de projetos participativos em ações de preservação e difusão nos museus e espaços culturais nasce da necessidade de criar vínculos de pertencimento com públicos diversos, com o objetivo de cativá-los e promover a criação de sentidos para o patrimônio cultural em seu desenvolvimento cultural e humano. É uma nova postura, que investe nos benefícios de compartilhar o poder de decisão sobre o que é patrimônio e como apresentá-lo aos seus pares, levando em consideração os conhecimentos de diferentes vozes.³⁸

Ressalta-se que entendemos a curadoria participativa como processo e, no âmbito de algumas das discussões trazidas neste dossiê, refletimos mais especificamente sobre a curadoria em projetos expositivos, em que a participação possibilita a intervenção de diversos agentes através da escuta. Essa intervenção não

³⁶ TOLENTINO, Átila Bezerra. “Educação patrimonial decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal”. *Sillogés*, vol. 1, nº 1, Jan./Jul. 2018, p. 57.

³⁷ VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. (Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta). Porto Alegre: Medianiz, 2012, p. 21.

³⁸ SARRAF, Viviane Panelli. “Os museus precisam mais das pessoas do que as pessoas dos museus – acessibilidade para quem?”. *Revista Museu*, Maio 2019. Disponível em: http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190527133038_os_museus_precisam_mais_das_pessoas_do_que_as_pessoas_dos_museus.pdf. Acesso em: 12 Set. 2023.

se dá, em grande medida, por parte do corpo técnico da instituição ou daqueles *experts*, mas de membros de diversos segmentos sociais que constroem uma teia, na qual, numa relação horizontalizada, se pode criar e cocriar narrativas ressonantes pelas próprias vozes auscultadas.

Acreditamos que a participação horizontalizada é propiciada pela experiência vivenciada no processo pelas pessoas produtoras de conhecimento, capazes de construir e gerirem suas próprias narrativas. Perspectiva que dialoga com o que Marijara Queiroz definiu como metacuradoria em Museologia Social, promovendo fissuras nas práticas curatoriais hegemônicas: “seria o exercício crítico, a articulação de narrativas plurais e a relação dialógica entre o público e o trabalho ou tema da exposição (...) a fim de propor o contraponto à ordem hegemônica como uma das principais dimensões da ação museal para o desenvolvimento social”.³⁹ Portanto, consistiria em itinerários nos quais prevalecem “a tendência participativa na tomada de decisões, a construção de pensamento processual, narrativas plurais e autoria coletiva”.⁴⁰

Nesse sentido, importa reconhecer que é pela experiência que somos atravessados pelo fenômeno de maneira a nos transformar, intervindo no mundo individualmente ou na coletividade. Desse modo, nos aportamos no pensamento de Larrosa⁴¹ que traz uma reflexão pertinente para pensarmos o processo curatorial participativo como veículo que propicia experiências. O autor chama atenção para o seguinte:

Talvez reivindicar a experiência seja também reivindicar um modo de estar no mundo, um modo de habitar o mundo, um modo de habitar, também, esses espaços e esses tempos cada vez mais hostis que chamamos de espaços e tempos educativos. Espaços que podemos habitar como *experts*. Como especialistas, como profissionais, como críticos. Mas que, sem dúvida, habitamos também, como sujeitos da experiência. Abertos, vulneráveis, sensíveis, temerosos, de carne e osso. Espaços em que, às vezes, ocorre algo, o imprevisto. Espaços em que às vezes vacilam nossas palavras, nossos saberes, nossas técnicas, nossos poderes, nossas ideias, nossas intenções. Como na vida mesma.⁴²

³⁹ QUEIROZ, Marijara Souza. “(Meta)curadoria em processos de Museologia Social”. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, vol. 5, nº 10, 2016, p. 146.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 211.

⁴¹ LARROSA, Jorge. “Experiência e alteridade na educação”. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, vol. 19, nº 2, p. 4-27, Jul./Dez. 2011.

⁴² *Ibidem*, p. 24-25.

Nessa perspectiva, a curadoria participativa propõe reconhecer os seres na sua inteireza, com suas forças e fragilidades. Para tanto, esse reconhecimento só poderá acontecer se houver o exercício da escuta sensível, que, para Barbier,⁴³ acontece “antes de situar uma pessoa em ‘seu lugar’ começa-se por reconhecê-la em ‘seu ser’, dentro da qualidade de pessoa complexa dotada de uma liberdade e de uma imaginação criadora”.⁴⁴ Nesse sentido, essas reflexões nos conduzem a verificar que a curadoria participativa pode ser impactada pelas epistemologias decoloniais e contribuir, inclusive, para a efetivação de curadorias decoloniais.

As curadorias decoloniais “abalam as velhas trincheiras”⁴⁵ das práticas curatoriais e podem ser visualizadas como processos situados e incorporados, comprometidos com a *geo-corpo-política* do conhecimento e com o enfrentamento das colonialidades. Nessa leitura, o próprio termo pode ser tensionado: Daniel Munduruku prefere, por exemplo, o termo curandeiros e curandeiras no lugar de curadores.⁴⁶ As cosmologias indígenas e afro-brasileiras alargam as perspectivas para as culturas não humanas, evidenciando “encantados curadores”⁴⁷ e aquilo que Ayrson Heráclito nomeou como “sacudimentos” com o intuito de “sacudir a história, exorcizar os fantasmas da sociedade colonial que ainda assombram o País”.⁴⁸ Consistem, portanto, em formas de cura, de denúncia e sutura das feridas coloniais ainda não cicatrizadas.

Reivindicando epistemologias situadas e incorporadas

Este dossiê se insere na esteira desses debates e, de algum modo, as reflexões aqui reunidas também se colocam “no limite, na dianteira/ Borrando as fronteiras”⁴⁹ dos campos dos museus, das coleções e das museologias. Para tanto, reúne pesquisas que escapam de leituras e projetos pautados na universalidade e que evidenciam as

⁴³ BARBIER, Barbier. *L'écoute sensible dans la formation des professionnels de la santé*. Conférence à l'Ecole Supérieure de Sciences de la Santé, 2002.

⁴⁴ Ibidem, p. 2.

⁴⁵ BASTOS, Ronaldo; NASCIMENTO, Milton., 2021. Op. cit.

⁴⁶ MUNDURUKU, Daniel. “Exposições de arte indígena e o processo educativo para a nova história do Brasil”. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2021. Aula 3, 24 Jun. 2021. Curso online.

⁴⁷ CURY, Marília Xavier. “Metamuseologia – reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena”. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, vol. 9, nº 17, 2020.

⁴⁸ HERÁCLITO, Ayrson. Entrevista. In: TESSITORE, Mariana. “Ayrson Heráclito: um artista exorcista”. *ARTE!Brasileiros*, 2018. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/sub-home2/ayrson-heraclito-um-artista-exorcista/>. Acesso em: 12 Set. 2023.

⁴⁹ BASTOS, Ronaldo; NASCIMENTO, Milton., 2021. Op. cit.

exclusões provocadas por distintas formas de segregação. O intuito é visibilizar processos e leituras críticas sobre práticas museais nativas e/ou participativas que proponham enfrentar as colonialidades. Nesse aspecto, os trabalhos demonstram conhecimentos múltiplos que valorizam a diferença, não apenas temática, mas a partir da diversidade de posições e enunciações com vistas a problematizar situações de subalternidade e invisibilidade de sujeitos, grupos e territórios.

Em “Até quando o outro vai falar por mim? Decolonizando narrativas, coleções e museus”, Camila Maria Silva de Moraes Santos e Débora Eduarda Silva Moura analisam as estratégias de apagamento, diminuição e seletividade em narrativas museológicas, evidenciando como o campo museológico mobilizou conceitos, reforçou fatos e linguagens centrados em padrões eurocêntricos racializados. Por meio de uma revisão de literatura, as autoras evidenciam questões éticas, poéticas e políticas a partir de tendências de pensamento estruturalistas, pós-estruturalistas e pós-coloniais, centralizando as discussões nas epistemologias decoloniais manifestas em narrativas museais. A questão norteadora “até quando o outro vai falar por mim?” coloca em questão os conceitos de autoridade, de autoria e representação, o que remete à sagaz constatação de Lélia Gonzalez⁵⁰ e consiste em um potente fio condutor que atravessa todos os textos deste dossiê:

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. (...) Por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? (...) Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (...), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (...) No momento em que fala de alguma coisa, negando-a, ele se revela como desconhecimento de si mesmo.⁵¹

No texto “O poder da memória e o Manancial Missioneiro: mobilizações de processo museológico decolonial em São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul”, Vânia Lima Gondim analisa os itinerários decoloniais mobilizados no Manancial Missioneiro, em São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul. Para tanto, evidencia algumas ações que tensionaram o olhar eurocentrado que orientou a musealização do Museu das Missões e demonstra como o Manancial Missioneiro mobiliza a memória e a ancestralidade guarani. O trabalho investiga como a

⁵⁰ Cf. GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: Encontro Anual da ANPOCS, 4., 1980. *Anais...* Rio de Janeiro, 1980.

⁵¹ *Ibidem*, p. 225-231.

ancestralidade indígena sustenta os processos museológicos tendo como centralidade as ações produzidas na reconstrução e ressignificação da *opy*, a casa de reza do povo guarani, e o modo como os processos promovem desobediências epistêmicas.

No artigo “Uma práxis decolonial: considerações sobre a constituição do Museu do Boi de Seu Teodoro”, Jean Costa Souza potencializa as reverberações das epistemologias afro-indígenas no campo dos museus e das museologias, tendo como horizonte as transformações que culminaram com a recente criação do Museu do Boi de Seu Teodoro, na cidade de Sobradinho, no Distrito Federal. Aspectos da trajetória de deslocamentos físicos e simbólicos do mestre Teodoro Freire são apresentados como fio condutor para a compreensão das estratégias de valorização das culturas populares e de resistência em defesa de um conhecimento situado e corporificado. Para tanto, evidencia, na longa duração, os processos que confluíram para a constituição do Museu do Boi de Seu Teodoro e as singularidades dessa experiência sustentada em perspectivas êmicas de musealização por meio dos “sotaques” do boi e da ancestralidade afro-indígena, promovendo uma guinada epistêmica em perspectiva vernacular que, conforme problematização do autor inspirada na conceituação de Lélia Gonzalez,⁵² resultou em uma “rasteira” na forma dominante de conceber museus e Museologia.

No texto “Memorial Mãe Nanã: perspectivas decoloniais nas afrografias da memória de um terreiro de candomblé em Aracaju, Sergipe”, Janaína Couvo Teixeira Maia analisa a criação do Memorial Mãe Nanã, no Abaçá São Jorge, terreiro de candomblé em Aracaju, Sergipe. A pesquisadora investiga os contextos que permitiram a criação de memoriais em terreiros de candomblé e as epistemologias decoloniais difundidas por meio de processos museológicos. Em especial, detalha as estratégias de salvaguarda da memória e de extroversão da ancestralidade do Abaçá São Jorge, explicitando as singularidades e os compromissos resultantes de uma afrografia da memória no Memorial Mãe Nanã.

Em “A descolonização da Museologia: experiências na preservação do patrimônio afro-brasileiro”, Deborah Silva Santos e Kátia Silene Souza de Brito apresentam experiências afro-brasileiras com o intuito de reverter a invisibilidade da população negra como protagonista na produção de conhecimento e agente

⁵² GONZALEZ, Lélia. Op. cit.

responsável pela construção da história e da cultura brasileira nos museus. Ao estabelecer uma crítica aos museus brasileiros fundamentados na modernidade/colonialidade, as pesquisadoras demonstram a potência dos patrimônios afro-brasileiros musealizados, com destaque para as ações dos museus afrodigitais na denúncia da ferida colonial e do racismo epistêmico. Ao evidenciar o Museu Afro-Digital de Pernambuco como estudo de caso, o trabalho demonstra como as tecnologias da informação e comunicação (TICs) podem potencializar fissuras nas representações, promover reparações históricas e difundir patrimônios digitais por meio de “ideias, imagens, multimeios, performatividade, registros sonoros, etnografias virtuais, fóruns temáticos e outras formas narrativas no meio digital, combinando experimentos meta-curatoriais e de *web-art* com práticas de compartilhamento digital”⁵³ em perspectivas museológicas afrocentradas e antirracistas.

No artigo “Perspectivas decoloniais em arquivos fotográficos: recompondo trajetórias no Museu Nacional de História Natural e da Ciência em Lisboa”, Henrique Godoy Alves de Souza e Karolline Pacheco Santos evidenciam a importância de curadorias participativas na reelaboração das narrativas coloniais, tendo como objeto de estudo a exposição “O impulso fotográfico: (des)arrumar o arquivo colonial”, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência de Lisboa, Portugal. Para tanto, problematizam a colonialidade dos museus, da ciência e da fotografia para compreender os modelos temporais na montagem de imagens produzidas nas missões científicas portuguesas aos territórios em África e Ásia no final do século XIX e início do século XX. Nessa experiência, evidenciam a relevância de processos participativos para a desmontagem do imaginário colonial e para a (re)montagem de outros modos de ver e interpelar as coleções, promovendo, assim, a decolonização do olhar sobre corpos e territórios distintos, a denúncia de práticas científicas e museais estruturalmente racistas e caminhos para reposicionar de forma crítica os esquemas habituais de representação.

Por fim, no artigo “Fuimos todas: archivo de las pintas del 8 de marzo de 2022, Mérida/México”, Gabriela Coronado-Téllez e María Delia Téllez-Castilla analisam as intervenções urbanas realizadas por mulheres na cidade de Mérida, capital de

⁵³ MUSEU AFRO-DIGITAL DE PERNAMBUCO. Disponível em: <http://www.museuafrodigital.com.br/paginazero/>. Acesso em: 5 Set. 2023.

Yucatán, México, em prol de melhores condições de vida, durante o Dia Internacional da Mulher. A análise mapeou 310 mensagens inscritas no monumento a Felipe Carrillo Puerto e no monumento aos conquistadores Montejo durante o protesto feminista do dia 8 de março de 2022, que podem ser visualizadas como uma coleção de marcas/imagens em um exercício de escuta e sororidade. Trata-se de um estudo sobre a resignificação da escrita da nação por meio de intervenções realizadas por mulheres em monumentos, produzindo uma desobediência epistêmica no intuito de expressar suas demandas, protestar e demarcar suas realidades no enfrentamento das colonialidades.

As problematizações reunidas neste dossiê têm ganhado ressonância no campo dos museus, das coleções e das museologias, marcadas por processos que questionam discursos pautados na colonialidade e que reconhecem a diversidade epistêmica, resultando nos pressupostos decoloniais destacados pela pesquisadora Deborah Silva Santos: “trouxe para o primeiro plano a questão da raça e do racismo, a redução das injustiças e desigualdades, reforçou a participação comunitária e reconheceu novas práticas de preservação da memória”.⁵⁴ Essas reflexões também têm abalado “as velhas trincheiras”, especialmente quando reconhecemos que “os museus na maioria das nações são criações da etapa histórica colonialista”.⁵⁵ Por essas razões, a importância de pautarmos tais reflexões no intuito de promovermos fissuras e resistirmos à colonialidade para a construção de um projeto coletivo na esperança de que, como no título da canção, “nada será como antes”.

⁵⁴ SANTOS, Deborah Silva. *Museologia e africanidades: experiências museológicas de mulheres negras em museus afro-brasileiros*. Tese de doutorado em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2021, p. 7.

⁵⁵ VARINE, Hugues de. *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979, p. 12.